

Missões no Século XXI, perspectiva e ações.

Roberto Rohregger¹

RESUMO

Neste artigo procuramos apresentaremos, uma breve reflexão com relação ao processo de evangelização ocorrido na América Latina. Procuramos observar através de um pequeno recorte histórico a forma como o cristianismo acabou sendo imposto durante a colonização espanhola e portuguesa.

E em um segundo momento com o advento da migração de levas de europeus para a América Latina, o problema da assimilação cultural por parte dos missionários e evangelistas, que partilhando de outra cultura ficaram restritos a seu grupo social, dificultando a assimilação por parte dos habitantes locais do evangelho reformado. Através deste olhar nestes dois momentos históricos esperamos tirar lições para que olhando os problemas ocorridos do passado possamos construir ações visando um movimento missionário inclusivista a partir dos ensinamentos de Cristo, para criar um sentimento inclusão e empatia para com as comunidades locais

Palavras chaves: Cristianismo. Missões. América Latina.

ABSTRACT

In this paper we present a brief discussion regarding the process of evangelization occurred in Latin America. We try to peer through a small historical view how Christianity was eventually imposed during the Spanish and Portuguese colonization.

And in a second time with the arrival of waves of migration from Europe to Latin America, the problem cultural assimilation on the part of missionaries and evangelists who share another culture were restricted to their social group, making it difficult to assimilate by the inhabitants local gospel reformed. Through this look at these two historical moments that we hope to learn from looking at the problems occurred in the past we can build actions for an inclusive missionary movement from the teachings of Christ, to create a feeling of inclusion and empathy with local communities

Keywords: Christianity. Missions. Latin America

¹ Bacharel em Teologia pela Faculdade Evangélica do Paraná – FEPAR e pelo Seminário Teológico Betânia em Curitiba – SEMIBC. Professor de Teologia SEMIBC e do Instituto Teológico Boa Terra – ITBT. Pós-Graduado em Teologia do NT Aplicada pela FTBP e Psicoteologia e Bioética pela FEPAR

Sempre quando se pensa em missões um dos textos mais significativos nas escrituras para avaliarmos é o encontrado em Marcos 6 : 30 - 34, apesar de haver nestes versículos a interpretação para o chamado pastoral, não se consegue separá-lo de um chamado para missões e evangelismo com uma visão mais integral do ser humano.

Jesus estava trabalhando intensamente, pregando o evangelho de cidade em cidade. E aos lugares que não conseguiu alcançar enviou seus discípulos de dois em dois. Sua fama correu por toda a Galiléia.

Os discípulos voltaram jubilosos de sua missão, mesmo que muito cansados. Ouviram, então, a notícia da morte de João Batista. Isto os entristeceu muito.

João Batista foi o primeiro mestre de vários dos discípulos de Jesus, por outro lado, isto lembrou a Jesus de que o tempo para Ele também estava ficando mais curto. Então Jesus lhes propôs, vamos nos retirar um pouco a sós, para um lugar deserto, para descansar.

Eles embarcaram em um barco e seguiram para o norte do mar da Galiléia, para a região deserta. O povo observou a direção que o barco tomou e todos seguiram a pé! Mal Jesus e seus discípulos encostaram o barco, lá estava a multidão.

Possivelmente era uma multidão desesperada, sedenta, de palavra e de milagres.

Podemos ver todas aquelas pessoas ansiosas por Jesus, todas com seus dramas pessoais, necessidades e dificuldades.

O texto diz que Jesus viu essa cena e teve compaixão pelo povo, no texto a palavra em grego é **σπλαγχνίζομαι**, que significa ser movido pelas entranhas, daí ser movido pela compaixão (pois se achava que as entranhas eram a sede do amor e da piedade)²

²Strong, J. (2002; 2005). *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong* (H8679). Sociedade Bíblica do Brasil.

Compaixão é formada por duas palavras: com e paixão, isto é, sofrer junto. Compaixão envolve mais do que as emoções de piedade ou simpatia. A compaixão consiste em um ato que procura melhorar a situação do nosso próximo.

O verbo compadecer-se expressa, no Novo Testamento o grau mais elevado de simpatia pelo que sofre. É usado apenas por Jesus (8.2; Mt. 9,36; 14,14; 15,32), e denota uma preocupação profunda que se expressa em auxílio ativo. (MULHOLLAND, 109, 1999)

A essência para a evangelização é a compaixão. Há muito nosso evangelismo e nossas missões deixaram a compaixão pelo sofrimento do ser humano, necessitamos de um envolvimento missionário com as necessidades espirituais e sociais, envolver-se com aqueles que estão como ovelhas sem pastor.

O Brasil e o mundo vivem hoje uma crise ética nos seus mais profundos setores, sejam político, econômico, social e tantos outros mais.

E podemos dizer que o principal e o grande fator que contribui para esse aprofundamento da crise foi e é o afastamento da centralidade de Deus. O ser humano foi gradualmente tirando a centralidade de Deus e focando em si próprio, o homem é o centro.

David J. Hamilton alarga o entendimento de missões para o discipulado de nações, citando Mateus 28 como o ir para ensinar as Nações:

[...] Podemos, portanto, observar tanto o aspecto individual quanto o aspecto corporativo da Grande Comissão. O interesse de Deus pelas expressões individuais e sociais da humanidade está evidente por toda a Escritura hebraica. Vez após vez, vemos os profetas do passado direcionando suas palavras hora para indivíduos como Abraão, Davi, a Sunamita e Éster, assim como Seu amor pelas nações como Israel e Nínive, pelas tribos como Benjamim e Judá, e pelas nações como Israel e Egito. Tanto os indivíduos como as sociedades são importantes para Deus. (HAMILTON, 61, 2008)

Mas de que forma temos levado o Evangelho para as Nações? E de que forma vemos a ação de missões no decorrer da história e o que podemos aprender com isso?

Como aplicamos a compaixão por todos aqueles que não conhecem a verdade?

Qual o impacto que o evangelismo no decorrer dos anos causou nestes países e qual a consequência para esta geração?

È o que tentaremos discutir na seqüência.

1- O início da evangelização nos países do 3º mundo

A frase “entre a cruz e a espada” parece representar bem como foi em termos gerais a evangelização inicial dos países chamados de colônias pelos que os dominavam.

Esta muitas vezes eram evangelizações em massa em que a colonização ou a pilhagem ocorriam ao mesmo tempo. Inicialmente no Séc. XIV e XV a descoberta de novas terras oferecia a Europa a possibilidade onde o catolicismo teria uma expansão homogenia e sem grandes resistências. Porém a esta forma de evangelização, o verdadeiro entendimento da mensagem do evangelho ficava ofuscada quando não completamente inteligível. Norberto Saracco ³ afirma :

[...] A matança de um grande numero de nativos aconteceu ao mesmo tempo em que verdadeiras práticas de humanitarismo e de civilização tinham lugar. O batismo compulsivo e volumoso de nativos e a exclusão forçada da sociedade de qualquer coisa que não era católica foram aoguns dos métodos de evangelização predominante que fizeram do Novo Mundo uma terra cristã e católica. As práticas religiosas dos nativos não foram consideradas como objetos de evangelização. Em linhas gerais foram ignorados ou integradas em um sincretismo que não teve nenhuma duvida em mesclar o sagrado e o profano. A religiosidade de todo um

³ Missiologia Global para o Séc. XXI – Cap. 24 - pg 492

povo nasceu cheio de sincretismo. A evangelização forçada de nativos destruiu os seus santuários pelo símbolos cristãos, mas nas mentes e corações das pessoas os mesmos deuses estavam sendo adorados. “

O processo de colonização da América Latina, foi extremamente duro para os povos locais, dos 22 milhões de astecas em 1519, quando Hernán Cortez penetrou no México, só restou um milhão em 1600, para citar apenas um exemplo.

Esta forma de “evangelização” tinha a característica principalmente da forma espanhola de enxergar sua “missão” de expandir o reinado secular com o Reino de Deus, que em sua cosmovisão eram conseqüências um do outro :

E eles trouxeram a sua religião com suas instituições. Estas eram moldadas segundo o padrão do que tinha sido desenvolvido no Velho mundo, à medida que novos territórios eram conquistados. Os invasores trouxeram a sua religião praticamente do mesmo modo que a tinham levado ao sul da Espanha, durante a Reconquista, ou às Ilhas Canárias – pela força das armas. Os conquistadores não eram somente homens trajando armaduras bélicas, montados em cavalos e carregando armas. Eles eram também homens em vestes clericais, montados em mulas e carregando uma cruz.

(GONZALES & GONZALES, pg. 15, 2010)

Leonardo Boff deixa claro a conseqüência deste início de colonização e o reflexo hoje nestes países :

[...] são povos crucificados, submetidos a maus-tratos, em condições piores que as dos judeus no Egito e na Babilônia e dos cristãos sob os imperadores romanos, como dizem alguns bispos defensores dos índios. Hoje esse processo continua pelos dois terços que passam fome, pela favelização das cidades, pela agressão ecológica, na qual os pobres e os indígenas são seres mais ameaçados de extermínio, pela dívida externa, que representa o novo tributo que as nações devem pagar a seus antigos e novos senhores. (BOFF, 1992, p.10)

De uma forma ou de outra podemos afirmar que este modelo de evangelização “forçada” foi o início da propagação do evangelho, com poucas exceções, o poder sempre esteve associado à religião nestes países, servindo mais como forma de manutenção da ordem vigente, imposta ao povo.

Esta foi a forma inicial da evangelização dos países em que a Europa detinha o poder, hoje pode-se dizer olhando o passado que os erros foram, também o produto de uma época, mas criou-se uma enorme dívida com esses povos, dívida essa que temos que resgatar.

2 - A continuidade da evangelização, o evangelismo protestante.

Segundo Norberto Saracco⁴ a Igreja Católica não só faliu na evangelização dos deuses antigos, mas também na confrontação com os novos cultos não-cristãos, em pesquisa realizada em uma igreja católica 38% dos membros tinham visitado um curandeiro ou um adivinhador e se consideravam devotos de um santo; outros 35% tinham visitado um curandeiro ou adivinhador e não eram devotos de nenhum santo, ou seja 73% das pessoas que compareciam àquela igreja estavam freqüentando curandeiros e adivinhos regularmente. Isso é fruto da evangelização forçada e obrigatória.

Erros semelhantes os evangelistas protestantes cometeram quando chegavam em colônias dominadas por seus países ou em países que já estavam com a cultura católica implantada.

Podemos identificar inicialmente dois problemas para o início do evangelismo protestante, inicialmente o credo protestante e os missionários protestantes chegavam em outros países para servirem apenas como líderes espirituais das colônias de imigrantes, sua preocupação era aquele grupo e não a evangelização dos nativos, a causa desta atitude são várias, a resistência do

⁴ Missiologia Global para o Séc. XXI – Cap. 24 - pg 492

povo local com o novo credo e o governo que muitas vezes não permitia a pregação para os que não fossem da origem do missionário no idioma local. Mas também havia uma falta de interesse e preconceito por parte dos missionários que aqui chegavam, o que resultava em pequenas ilhas em que se processava o credo protestante.

Outro ponto que vale a pena salientar era a aculturação, muitos missionários, a exemplo do que os católicos fizeram, procuravam implantar a sua própria cosmovisão sem sequer procurar entender a forma de pensar dos nativos locais. Muitos dos missionários que aportavam em vários países pelo mundo encontravam uma realidade muito diferente da que estavam acostumados: miséria, violência, ignorância, tudo em um caldeirão fervilhante, mas implantavam um excelente trabalho, propagavam o evangelho, implantavam igrejas, obras de assistência social, e quando tinham que ir embora, outro missionário vinha em seu lugar, não se criava nenhuma liderança local, não se fortalecia o evangelismo pelo próprio povo.

3 - O modelo atual, a força do evangelismo local

O aprofundamento da discussão sobre a forma com que o evangelho foi levado aos povos, principalmente a evangelização do terceiro mundo, ajudou a amadurecer o entendimento da forma com que deveria atingir-se estes povos. Debates mundiais e continentais ajudaram a firmar e a teorizar, baseado em experiências as linhas mestras para um modelo de evangelização mais adequado para o contexto destes países.

Ficou evidente que a formação de lideranças locais fortes para a evangelização é muito mais eficaz do que mandar levadas de missionários de outros países, que terão que se adaptar a outra cultura, integrar-se e familiarizar-se com o povo, o missionário local não necessita de nada disso, já está dentro da sua cultura, no seu povo e é muito mais “barato” para as agências missionárias. Muito mais produtivo é firmar e apoiar um convertido indiano, para evangelizar

outros indianos, do que formar um missionário alemão para atingir a Índia, o nativo conhece as implicações da conversão, entende a forma de pensar do seu povo e pode dialogar com muito mais facilidade, e não necessita de passaporte.

É claro que para povos que não tem nenhum contato com o Evangelho, a figura do missionário estrangeiro é insubstituível, mas ele deve agir inicialmente muito mais como formador de uma liderança local, para que a partir daí possa-se expandir-se.

Outra mudança é que o evangelismo deve estar profundamente ligado á necessidades do povo, uma das diretrizes do III CELA (Congresso de Evangelização Latino-Americano) é de “ agir como porta-vozes e defensores de todas as vítimas de injustiça social, evidenciando as causas e aqueles que são responsáveis por essa injustiça.” , isto é o que chamo de Evangelho Social.

Não se deve cair aos extremos da Teologia da Libertação, mas como foi dito no início, temos que preparar o chão para a semente do Evangelho, e isto deve ser algo que todo aquele que é atingido pelo amor de Deus, tem por obrigação fazer.

Há uma frase na filosofia que diz que o homem é a medida de todas as coisas, mas o ser humano não é um absoluto, ou seja, cada um tem “medidas” com que medir diferentes, então a centralidade no homem nos trouxe ao relativismo absoluto de todas as coisas, uma vez que cada um tem a sua verdade.

Tenho a convicção de que qualquer medida que venha de padrões humanos será meramente paliativa em decorrência da crise que o homem vive não ser social, mas metafísica.

Metafísica porque o homem afastou-se da centralidade em Deus, Paul Tillich em sua Teologia Sistemática afirma que quando o homem que perde a centralidade em Deus vive um processo de alienação, e é isso que vemos hoje em dia.

É dentro desta crise da sociedade que a Igreja de Cristo vive, observamos a noticias em telejornais, jornais e revistas cada vez mais chocante, Paul Tillich

diz ainda que não somente os que cometem atrocidades são culpados, mas os que assistem a esta violência e até os que sofrem :

Os cidadãos não são culpados pelos crimes cometidos em sua cidade, mas são culpados como participantes do destino do ser humano como um todo e do destino da sua cidade em particular, pois seus atos, nos quais sua liberdade estava unida ao destino, contribuíram para formar o destino do qual participam. (TILLICH, 2005, p.353)

Ou seja, todos nos temos uma responsabilidade pelo destino da nossa sociedade.

Esta forma de enxergar missões e evangelismo também está presente na declaração do CLADE V :

Demasiadas veces hemos sido negligentes en la tarea profética, así como en la generación de comunidades del Reino y en la búsqueda de estructuras sociales alternativas y justas.

Hemos sido cómplices con nuestro silencio de gobiernos corruptos que han condenado a millones de seres humanos a la pobreza y a la miseria absoluta, violentando así su dignidad humana.

Muchas veces hemos cedido a la tentación de dar valor de norma suprema a otras fuentes de autoridad en lugar de las Sagradas Escrituras.

Con demasiada frecuencia hemos restringido el mensaje de la Biblia al ámbito “espiritual” y eclesial, desnaturalizando así su mensaje, integridad, poder y eficacia liberadora.

Hemos permitido un dualismo intelecto-emoción en vez de buscar mentes y corazones iluminados y renovados por el Espíritu Santo.

Muchas veces hemos adoptado una forma de liderazgo pastoral que tiene inspiración en el modelo empresarial de la sociedad de consumo, olvidándonos del ejemplo de nuestro Señor que no vino para ser servido sino para servir.⁵

⁵ CLADE IV - Testimonio Evangelico hacia el Tercer Milenio em :

(Muitas vezes temos sido negligentes na tarefa profética, assim como na geração das as comunidades do Reino e na busca de estruturas sociais alternativas e justas.

Temos sido cúmplices com o nosso silêncio de governos corruptos que condenaram milhões de pessoas à pobreza e à miséria absoluta, violando, assim, sua dignidade humana.

Temos muitas vezes cedido à tentação de dar valor normativo supremo a outras fontes de autoridade, no lugar das Escrituras.

Com demasiada frecuencia temos restringido a mensagem da Bíblia ao âmbito “espiritual” e eclesial. Distorcendo assim sua mensagem , a integridade, poder e eficácia libertadora.

Nós permitimos um dualismo intelecto-emoção em vez de olhar para as mentes e corações iluminados e renovados pelo Espírito Santo.

Muitas vezes adotamos uma forma de liderança pastoral que tem inspiração no modelo empresarial da sociedade de consumo, esquecendo-se do exemplo de nosso Senhor não veio para ser servido mas para servir – (tradução nossa)

Mas faço toda esta introdução para dizer que existe apenas um caminho para o ser humano sair desta alienação em que vive, é voltar a estar na centralidade de Deus.

Isto que estou dizendo não é nenhuma novidade, e já foi dito a mais de 3.000 anos, quando os israelitas tiveram suas experiências com IAHWEH, e há muito mais tempo atrás com Adão e Eva.

É fundamentalmente dentro desta perspectiva que devemos agir, como mordomos e representantes desta Palavra de Deus, foi dada a Igreja de Cristo a prerrogativa de levar estas boas novas o evangelho da graça, prerrogativa esta que até os anjos desejavam.

Porém este pequeno texto leva-nos conseqüentemente a questão seguinte, o que temos feito para expandir o reino de Deus e sua Justiça, estamos de fato olhado o outro com compaixão?

Tito Paredes, missionário peruano, um dos oradores do 3º Congresso latino-americano de Evangelização (CLADE III) afirmou :

Como cristãos evangélicos todos nos concordamos em que a missão da Igreja é, em grande parte, a sua própria razão de ser. A Igreja vive para proclamar e viver o Evangelho do Reino de Deus em toda a sua amplitude e integridade, dentro e a partir do contexto em que ela se desenvolve. (PAREDES, 2004, p. 94)

Acredito fortemente que Missões deve ser um dos carros chefes da Igreja, e quando falo missões digo missões e evangelismo. Uma Igreja que não tem em sua agenda uma ação forte com objetivo missionário e evangelístico deve repensar a luz das escrituras suas prioridades.

4 – Conclusão

Missões é comprometimento com a expansão do Reino de Deus, não podemos pensar em missões no século XXI sem envolvimento integral com o ser humano, não podemos pensar em missões dissociado da causa social.

Creio que este é caminho para trilharmos, porém para atingirmos aquilo que Cristo pede de nós necessitamos de dois fatores:

1. Missões não deve ser simplesmente uma obrigação, deve ser algo que eu deseje grandemente, para estar comprometido com missões eu tenho que estar comprometido com pessoas, devo olhar para a sociedade como Cristo olha para o povo, se a miséria ética, moral, social e material em que as pessoas vivem não me comover, não há compromisso com missões.

2. Missões não é temporário, enquanto estivermos nesta terra, missões deve ser constante em nossa vida, o nosso compromisso com missões não pode se limitar a um período a uma campanha,

Mais que tudo, a principal carência que se faz hoje é da Palavra de Vida, da Palavra de Amor, de Compreensão e de redenção. Essa palavra Jesus trouxe, junto aos excluídos é que podemos encontra-lo nas páginas do Evangelho.

E o que temos que entender é esta forma de alcançar países que estão solapados pela volúpia do mercado financeiro mundial, povos oprimidos por governos déspotas e corruptos, povos em que a carência é tanta que ficamos constrangidos de falar do amor de Deus, pois amor é uma coisa que nunca tiveram, em que a violência é algo de cotidiano.

O planejamento em missões deve levar em conta a necessidade da “conversão” dos sistemas sociais injustos e opressores, um exemplo a ser seguido é o que tem acontecido na Índia, onde junto com a mensagem cristã, o agir consolida a compaixão :

Deus nos chamou para plantar igrejas”, diz Alfy Franks, da Operação Mobilização. No entanto, a instalação de novas congregações cristãs, em geral, é combinada com outras atividades, como fornecimento de microcrédito, educação e assistência médica. Na Índia, a veneração a uma infinidade de deuses e o ambiente religioso favorece o misticismo - portanto, uma abordagem puramente espiritual não passa necessariamente a mensagem certa. Por meio do desenvolvimento comunitário, os missionários indianos demonstram que Jesus é mais que apenas um deus a ser adorado. Ele é o Senhor que transforma vidas. Para os indianos que sofrem com a opressão espiritual ou com a pobreza - sem dúvida, indianos de todas as castas -, essa mensagem de transformação fala poderosamente.(STAFFORD,p.39-41; 2011)

Caso não conseguirmos passar credibilidade daquilo que anunciamos a mensagem não chegará de forma libertadora e transformadora como Cristo

ensinou. Missões integral é anunciar as Boas Novas que é a salvação eterna, porém que começa hoje com a transformação e redenção da vida, esta que vivemos aqui, e isto pode ocorrer se “compreendermos o compromisso de Deus com toda a Sociedade e todas as nações” (COPE, p.190, 2007) e agirmos de forma a espelhar a compaixão de Cristo através das nossas vidas.

Referências Bibliográficas:

BOFF, Leonardo – **América Latina: Da Conquista À Nova Evangelização** – Editora Ática; 1ª Edição; 1992 – São Paulo; SP

CAIRNS, Earle E. - **O Cristianismo Através dos Séculos** – 2ª edição revisada – 2001 - Editora Vida Nova – São Paulo SP

COPE, Landa L.; **Template Social do Antigo Testamento**; 1ª Edição; 2007; Editora Jocum; Almirante Tamandaré, Pr.

GONZALES, Ondina E. : GONZALES, Justo L.; **Cristianismo na América Latina – Uma História.** – 1ª Edição; 2010; São Paulo; SP.

MULHOLLAND, Dewey M.; **Marcos Introdução e comentário**; 1ª edição; 1999; São Paulo; SP

NEILL, Stephen – **História das Missões** – 2ª edição 1997 – Editora Vida Nova - São Paulo – SP.

STAFFORD, Tim; Novo Nascimento Espiritual; Cristianismo Hoje; Niteroi; RJ; Ed. 24, Ano 4; p. 39 - 41; Agosto/Setembro 2011

STEUERNAGEL, Valdir, (Org) **No Princípio era o Verbo – Clade III** – Ed. Encontro, 1ª edição, 2004, Curitiba; Pr

STRONG, J. (2002; 2005). **Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong** (H8679). Sociedade Bíblica do Brasil.

TAYLOR, Willian D. (Org.) - **Missiologia Global Para o Século XXI** – Ed. Descoberta, 1ª Edição; 2001; Londrina, Pr.

TILLICH, Paul – **Teologia Sistemática**, 5ª Edição Revisada.

Sites.

CLADE IV - Testimonio Evangelico hacia el Tercer Milenio. Acessado em 10/11/2011

http://www.ftl-al.org/index.php?option=com_content&view=article&id=103:clade-iv-testimonio-evangelico-hacia-el-tercer-milenio&catid=18:clade&Itemid=67